

Irene Carvalho

**Refúgio
das
Horas Incertas**

Ficha técnica
Edição: Vírgula
Título: Refúgio das Horas Incertas
Autora: Irene Carvalho

Capa: Ricardo Vercesi
Revisão: Carla Cardoso

1.^a Edição
Lisboa, 2010

Impressão e acabamento: Agapex
ISBN: 978-989-96619-7-4
Depósito legal: 30778/10

Copyright: Irene Carvalho
Publicação e Comercialização: www.sitiodolivro.pt

Prefácio

Preocupação curiosa a nossa com o microscópio e o macroscópico - ver o muito pequeno e o muito grande e sentir prazer ou dor.

Olho, espelho da alma. Olho colectivo, superolho de alta resolução onde encontramos plasmado tudo o que é percepcionável à escala humana.

Imaginar um olho colectivo onde, na aproximação lenta, iremos encontrar os olhos de cada um de nós passando pelos seus, os meus e os da autora.

Deus ou equivalente nos livre de semelhante sensaboria.

Quem ama o belo não quer perder tempo com almas feias e, quem belo é, mesmo quando avista as desalmadas almas consegue ou tenta vivenciá-las esteticamente.

Prefaciá-lo este livro é para mim uma alegria. Sou aqui criança pós-crepúsculo sendo que a autora, quando me ofereceu “son regard” em manuscrito prévio – num como vivia o que via – ofereceu-me também um daqueles momentos raros em que sentimos que não estamos sozinhos.

É bom reencontrar esse sentimento ao ler esta prosa a velocidade inconstante. Lembro-me agora que talvez nesse reencontro vivido e sentido esteja o lado mais humano da escrita.

Confesso que procurei não ler prefácios a serem raízes deste prefácio.

E digo-vos também que sempre aceitei com prazer a escrita aparentemente desreferenciada.

Repudio, na mente e no abdómen, a escrita em mosaico remosaicado,

omeleta de ovos cortados a tantas omeletas, exemplo de webcultura instantânea onde a inovação não tem espaço.

Desculpem se, ao prefaciar, vos conduzo ao genuíno e novo que é tão somente um primeiro sem precedente.

Quando li, pela primeira vez, em tempos os textos da autora senti no peito coisa pungente.

Dizem que não há emoção sem que o corpo se manifeste.

Tinha nas mãos algo genuíno na forma e no conteúdo, no ponto de partida e no ponto de chegada, no percurso e no estilo.

Estilo constante e sustido. Definido e diferenciado. Ali tinha, a impressão digital de um escritor no feminino.

Sentir que se é primeiro é arrepiante e bom, mesmo que de ilusão se trate. Momento estético, foi um presente do meu olho face à prenda em prosa poética da autora.

Recordo nesse tempo de leitura primeira de ecoar na minha mente “é uma escritora; de facto é uma escritora; será possível?; é uma escritora” enquanto a autora, num contraditório que não conseguiu distrair-me, dizia “esse não está acabado; é melhor não ler; disparatado, verdade?; devia ter tido mais cuidado”.

Se continuo a encontrar-me com a singeleza, a graciosidade, o humor, a inteligência e tantos outros atributos que pululam em qualquer mente com filtro estético, fico reticente quanto à humildade travão e outras pechas que não permitem ler livros como este.

Tal não ocorreu.

Para ler depressa ou devagar,

Frederico Cavaglià

Loucura I

Há quem diga que sou louca.

Como diz Neymatogrosso «quem pode dizer que sou louco se posso
dizer que Deus sou eu?»

Como podes chamar-me louca se cheiro o perfume das flores quando
passas por elas e não as vês?

Como podes chamar-me louca se quando faço amor chego onde
nunca há-de chegar?

Sabes que os loucos são mais intensos? Mais intensos para o bem e
para o mal?

Como podes apontar-me o dedo se não sabes o que sinto, se não
sabes o que é ser louco?

Sentes o vento na cara como se fosse dirigido a ti?

Sentes o sol como se existisse de propósito para te aquecer?

Sentes o prazer imenso de conduzir a grande velocidade?

Sentes que ninguém te segura?

Pergunta-me se quero ser louca e responder-te-ei que sim, a louca
mais louca, mais impetuosa e talvez a mais feliz do mundo.

Gostava às vezes de te arrastar para a minha loucura, mas só se fosses
tu também louco.

Loucura II

A loucura vai e vem sem a chamares.

Agarra-te como um polvo gigante.

Aperta os tentáculos e não te liberta mais.

Injectam-no e tentam anestesiá-lo mas o polvo já está habituado.

Tu nunca te habituas.

De todas as vezes pensas que vai ser a última.

Tens o céu, azul para os outros, negro para ti.

Vagueias com o polvo colado nas costas.

Sabe-te bem a chuva molhada na cabeça.

Às vezes quase que o adormeces.

Pensas que é agora que te vais libertar, que o vais enganar.

Fazes um movimento para fugir e lá está ele, com força redobrada e
leva-te para o seu mar até te afogar.

Um dia o teu corpo dá à costa e todos comentam – Olha aquela
rapariga? Bonita e bem disposta. Como terá ido ali parar?!

O teu amigo polvo nunca lhes foi apresentado.

Desencontros

A inconstância de ser como sou desespera-me.

A minha mente confusa por ideias que se atropelam, desejos recalcados e pensamentos ávidos de luz e de vida, atormenta-me.

Não sei quem sou, o que quero ou o que penso.

Vão e voltam, atropelando-se, recriminando-se mutuamente as minhas ideias confusas.

As luzes apagam-se, fico na escuridão, sem nada para fazer, com tempo para pensar. Não penso. Penso, não penso, repenso e dispenso.

O turbilhão continua, afogado em escuridão e como se não bastasse este breu tormentoso, as ideias não param e andam como que num labirinto, continuando a atropelar-se e a recriminar-se mais e mais.

Por vezes a porta parece abrir-se ao toque de uma ténue luz de vela.

Fecha-se de novo e ainda mais tenazes são os braços de ferro que a envolvem, como numa prisão, a «Ilha do Diabo» talvez...

Pobres delas que não encontram a luz da saída...

Pobre de mim que não as sei encaminhar...